

A MORTE DOS POBRES

Vivemos pela Morte e só ela é que afaga;
É a única esperança e o mais alto prazer,
Que como um elixir nos transporta, e embriaga,
E nos faz caminhar até o anoitecer.

E, através da tormenta e da neve e da vaga,
É o vibrante clarão de nosso obscuro ser,
Albergue inscrito em livro e que nunca se apaga,
Feito para jantar e para adormecer.

É um anjo que segura em seus dedos magnéticos
O sono e mais o dom dos êxtases mais poéticos,
Que sempre arruma o leito aos pobres, como aos rotos;

Ela é a glória de Deus e a bolsa do mendigo,
É o místico celeiro e mais o lar antigo,
Pórtico que se abriu para os céus mais ignotos.

Jamil Almansur Haddad (1958)

A MORTE DOS POBRES

A Morte é que consola e que nos faz viver;
É o alvo desta vida e a única esperança
Que, como um elixir, nos dá fé e confiança,
E forças para andar até o anoitecer.

Em meio à tempestade e à neve a se esfazer,
É a luz que em nosso lívido horizonte avança;
É a pousada que um livro diz como se alcança,
E onde se pode descansar e adormecer.

É um Arcanjo que tem nos dedos imantados
O sono eterno e o dom dos sonhos extasiados,
E arruma o leito para os nus e os desvalidos;

É dos Deuses a glória e o místico celeiro,
É a sacola do pobre e o seu lar verdadeiro,
O pórtico que se abre aos Céus desconhecidos!

Ivan Junqueira (1985)